

Congresso de Convergência / Madrid 2015
INTERNET: Espaço Transicional, Perversão ou
"Elevar o objeto à dignidade de Coisa"

Lidia Matus - Escuela Freudiana de Buenos Aires

Grupo de Trabalho: "O laço social enRED(E)dado"

"A rede dos trapezistas está para tranquilizar o público: se cai mal, a perfura.

O que te salva é ter aprendido a cair e a sorte"

(um trapezista)

enRED(E)ados¹

A "rede virtual" e seus supostos avatares fantásticos e/ou catastróficos formam parte do imaginário da época, tal como os "ataques de pânico" ou os diagnósticos de "toc" e "bipolaridade". O correlato de fascinação das quais se investem as supostas "novidades", costuma funcionar como impedimento para a escuta. Os labirintos das relações sociais via Internet que nossos analisantes relatam não são diferentes a qualquer relato de um neurótico "antes" de sua aparição. Pois bem, é preciso não perder de vista a dimensão do "relato" para não cair na fascinação do "novo" nem na "nostalgia" do passado idealizado, perdendo "isso" que ali se oferece à leitura.

O romance de Butterfly

Butterfly tem 33 anos. É uma jovem de aparência frágil e feminina. Se apresenta na primeira entrevista com óculos escuros e numa atitude de recolhimento. Olhando pro chão, diz:

B_: Estou muito angustiada! Faz meses que tenho uma relação erótica pela Internet com um cara e tenho medo de que "isso" esteja me levando a uma perversão ou me faça algum dano. Mas não posso deixá-lo!!! Tô obcecada com essa relação virtual!!!.. Por que não posso ter uma relação "real"?

A_: A relação poderá ser "virtual", mas sua angústia é bastante "real". E se ele segue se comunicando, deve ser porque também essa relação é "algo" para ele, ainda que não saibamos como chamá-la.

¹ Em espanhol o jogo de palavras e conceitos é precisamente: "enREDados", o que é impossível de traduzir ao português.

B_: Está bem, mas... Por que não consigo uma relação "real" com alguém? O que é que funciona tão mal em mim?

A_: O que significa que funciona mal? Não coincide com seus ideais?

B_: Claro!!!

A_: E os ideais são virtuais ou são reais?

B_: ...

A_: Parece que você está rejeitando algo que funciona mal (mas funciona) por um ideal (que não está funcionando).

B_: Preciso fazer algo, assim não posso seguir!!

A_: OK. Falemos "disso" que funciona, mal, mas funciona.

B_: É que... além de tudo, a idade que tenho, dependo muito de minha família, não só economicamente mas também necessito contar tudo pra eles. Mas claro... "disso" não falo e me enche de culpa.

A_: Por quê? Por não contar "tudo"?

B_: (perplexa)

A_: Bom, parece que "isso" sim te serve pra algo, porque como poderia ter sexo alguém a quem os padres não tiram os olhos de cima?

B_: (risos).

Durante o transcurso do trabalho de análise, B. se dá lugar para desdobrar nessa relação seus dotes artísticos. Cria fotografias de partes de si mesma nas quais sua identidade não aparece. Estas imagens se vão transformando em produções estéticas que logo se anima a compartilhar com outros como produções logradas. Finalmente se realiza o tão desejado encontro presencial com a outra pessoa, mas perde o interesse por ele. Disse: “que me fizesse desejar fazia que cresse que era outra coisa que o que é”.

Navegação teórica

Que estatuto outorgar a esse "espaço virtual"?

Certamente não é o espaço euclidiano. Em troca, algumas de suas manifestações sim poderiam ser postas em relação ao "Espaço Transicional" de Winnicott²: definido como: espaço "entre" (nem dentro, nem fora, nem próprio, nem alheio). Uma zona livre de ataques e desafios, onde se desdobram o jogo, o intelecto e a sublimação. É possível perceber sua semelhança com a "nuvem", onde transitam e se alojam os

² WINNICOTT, Donald. "Realidad y Juego". Ed. Gedisa

objetos virtuais da Rede. Ambos espaços, "inlocalizáveis" no espaço comum, colocam o impossível entre parênteses. O Objeto Transicional (OT), que consola da ausência materna, encontrado nesse espaço "entre", deve ter características que permitam sua manipulação sem riscos. Cumprida sua função é abandonado sem dor.

Em ocasiões o "objeto preferido" de uma criança cumpre a função de rejeitar e tapar a ausência materna. Mais perto do fetiche, não é abandonado senão que perdura e pode levar, por exemplo, ao desenvolvimento de uma perversão. O que conta para localizar a função do objeto são as coordenadas simbólicas que o determinam por sua relação ao sujeito. Sob essas premissas, não resulta tão estranho o temor de B. (fantasma neurótico) de se converter em perversa, quando não pode localizar o momento de passagem do "uso ao abuso" e sente o risco de ser tomada ela como objeto fetiche. Se angustia ao advertir que já não é o seu desejo o que comanda, senão que o objeto se apropria de sua vontade. A angústia é o último refúgio para o desejo, quando o "objeto causa" perde sua localização e se torna ameaçador por inlocalizável (a angústia não é sem objeto mas é sem causa).

O que do "sem riscos"?

Um dos supostos atributos da Internet é a "virtude" de evitar o risco procurando uma distância protetora com os objetos e com o mundo "reais". A imagem com a que se associa habitualmente seu uso "viciador" é a de um fóbico ou um perverso que se oculta detrás da porta ou da fechadura. Recordemos os ditados de Lacan acerca da fobia como placa giratória: essa instância a que se retorna nos momentos de vacilação fantasmática, reabrindo a possibilidade de que o sujeito, convocado e sem recursos, responda regressivamente ou com a desmentida da castração. Também Winnicott propõe que nos momentos de angústia, se pode voltar regressivamente ao que havia sido OT, com o risco de ficar fixado como fetiche.

Voltemos a B.

B_: Por que não posso ter uma relação "real"?

A_: A relação será virtual, mas sua angústia é bastante real.

O que é que a alivia?

Trata-se de que ao ser questionada a virtualidade dos efeitos do "virtual", B. recupera o corte com o objeto e sua existência simbólica por fora do mesmo. Tal como a surpresa rompe a fascinação da criança por sua imagem, a intervenção analítica ao questionar a onipotência do Gadget (partenaire), abriu um ponto de saída da fascinação alienante com o Outro Internet, autorizando-la a "ex-istir".

B. havia chegado, pela via da "isca" do sem riscos, a um callejón sem saída. Devia elegir entre renunciar ao seu desejo, se deixando tomar pelo gozo do outro tapando sua falta ou renunciar a satisfazer a esse outro o risco de cair da cena. Duas opções impossíveis.

Não há uma única maneira de sair desse momento (impossível de habitar) e não é sem consequências que essa se resolva de um modo ou de outro.

Há uma maneira que possibilita certo atravessamento da cena fantasmática que vacila. Se se reestabelece a distância com o objeto, que suturava a relação entre o sujeito e o Outro, se abre o caminho até a "eleição forçada", estamos na estrutura da "aposta". O objeto apostado cai sem dor, deixando lugar para o laço com outros.

Qual foi a maneira de B.?

A relação "virtual" que a angustiava passou a funcionar como "zona transicional", mantida em segredo por fora do "todo saber" materno. Ante o Che vuoi, cria "respostas iscas", com imagens parciais de seu corpo (e não seu corpo). Se negativiza como objeto "real", dando lugar a sua presença no simbólico. Nessa passagem de B. à sublimação³, "elevou o objeto à dignidade da Coisa" e o partenaire, igual que o OT, cumprida sua função, cai sem dor. B. nos diz: "que me fizesse desejar fazia que cresse que era outra coisa que o que é". O objeto imaginário (o rapaz do outro lado da rede) já não lhe é necessário para sustentar o desejo.

Mas também há outro modo, o perverso, onde o sujeito, diante da constatação da falta no Outro, se oferece como objeto que tapa e renega essa falta. Esse modo não era possível para B.

DesenRED(E)ando

Nenhum objeto pode "pervertir" a um neurótico, mas o oferecimento ilimitado (incontável) de objetos autosuficientes pode funcionar (segundo a estrutura subjetiva de que se trate) como lugar que garante o abastecimento ilimitado de objetos para o desejo. Esses milhares de objetos não adquirem "sentido" para um sujeito que não dispõe da falta que o cause e o oriente.

³ LACAN, Jacques. "La Etica". Seminario VII, clase 3 de febrero 1960. Paidós. Buenos Aires

Não se trata de demonizar nem de idealizar a experiência da Internet, senão de confirmar a existência do sujeito por fora da tela, a partir de dar entrada aos "efeitos" da tela que não se veem aí, já que não há "efeitos" que não sejam do sujeito.

Tal como diz nosso trapezista, o salto, como todo ato, só conta com a rede simbólica que temos construído. Trata-se, então, de se aproximar ao trabalho de conhecê-la e de extrair suas consequências na clínica.

Tampouco é um tema menor a circulação da pornografia e das relações eróticas, mas este será causa já de um novo escrito.

Lidia Matus
Maio de 2015